

TER - Miriam Leitão - QUA - Rachel Maia (mensal) - QUA - Alvaro Gribel (quinzenal) - QUI - Miriam Leitão - SEX - Rogério Werneck (quinzenal) - Fabio Giambiagi (quinzenal) - SÁB - Carlos Góes (quinzenal) - Ricardo Henriquez (quinzenal) - DOM - Miriam Leitão

MÍRIAM LEITÃO

blogs.oglobo.globo.com/miriam-leitao
miriamleitao@oglobo.com.br
Com Alvaro Gribel (de São Paulo)



Visão dois pesos e duas medidas

Economista com preocupação fiscal que não vê o descalabro que é o governo Bolsonaro nesta área tem visão seletiva. O governo furou o teto várias vezes, pedalou precatórios, fez escolhas erradas, usou as crises como uma licença para gastar sem critério e armou bombas fiscais. Os erros cometidos pelo PT são explorados à exaustão por esses analistas, que, no entanto, não parecem se incomodar com os mesmos erros feitos agora. Neste espaço, sempre critiquei os rombos e distorções em governos petistas. Com a mesma régua, alerto para a herança que ficará da atual administração que vai pesar nos próximos anos.

As declarações do ministro Paulo Guedes,

na quinta-feira, são emblemáticas da maneira como se administra as contas públicas. No mesmo dia em que exibiu seu ufanismo irrealista, ao dizer que o Brasil cresce mais do que a China, ele falou em decretar calamidade. O uso desse instrumento previsto nas leis fiscais brasileiras foi banalizado e virou licença para fugir de todo o ordenamento das contas públicas. Em julho, decretou-se emergência para fazer um aumento oportunista e eleitoreiro em benefícios sociais. Agora, o ministro acena com a calamidade para tentar sustentar o estelionato eleitoral que Bolsonaro já comete ao prometer manter o benefício nesse valor, mas não incluir no Orçamento.

Essa foi a principal reclamação do relator do Orçamento, senador Marcelo Castro (MDB-PI), ao receber o projeto orçamentário enviado pelo Executivo, na última semana: "Quem promete é candidato, ao presidente cabe propor. Por que ele não fez isso?" Tecnicamente, a resposta é que se colocar isso no Orçamento estoura o teto. O problema é que não encontrar uma saída orçamentária é uma confissão da equipe econômica de que aprovou um benefício apenas para ser usado na campanha. Ademais, o teto de gastos já foi desmoralizado várias vezes pela mesma turma.

O colunista Alvaro Gribel escreveu no

meu blog sobre as sete armadilhas deixadas no Orçamento para o próximo governo, que, em resumo, são: não prevê despesas dadas como certas, faz projeções otimistas sobre arrecadação, adota renúncias fiscais inaceitáveis e confirma a pedalada dos precatórios, que já está virando bola de neve. A estimativa do Tesouro é que R\$ 22,3 bilhões em precatórios não serão pagos este ano. No ano que vem, outros R\$ 28,85 bilhões. Tudo somado, R\$ 51 bilhões de esqueletos vão para o armário, e a conta continuará subindo ano após ano.

Não faz sentido apontar os erros passados do PT na área fiscal e não fazer a mesma cobrança sobre a lambança do governo Bolsonaro nas contas públicas

sério. Não fez, e a prova é que o déficit volta ano que vem. O governo tem contado com receitas temporárias, como antecipação de dividendos, e tem se beneficiado de receitas de commodities, que são voláteis. Pelo lado das despesas, tem postergado despesas, fazendo ajustes na boca do caixa.

Para derrubar a inflação em período eleitoral, o governo federal abriu mão de impostos sobre combustíveis e escreveu no Orçamento que isso custará R\$ 53 bilhões no ano que

vem. Como sabem os bons economistas, renúncia fiscal é gasto. Nesse caso, regressivo e irracional, porque estimula o consumo de combustível fóssil. Além disso, impôs aos estados uma perda de arrecadação que já foi judicializada e virou suspensão do pagamento de dívida, gerando mais um nó federativo.

Contas públicas em desordem produzem efeitos colaterais que atingem principalmente os pobres. O Brasil viu isso no governo Dilma, quando as pedaladas viraram aumento de inflação, queda do PIB e alto do desemprego. O desequilíbrio fiscal sempre piora a vida dos mais pobres. Como na administração petista houve erros e acertos na área fiscal, é natural que o mercado financeiro e todos os economistas perguntem: quais serão as balizas fiscais que Lula pretende adotar caso confirme nas urnas o seu favoritismo nas pesquisas? O PT precisa explicar. Não é conversa de mercado, é preocupação real com a sustentabilidade de qualquer projeto econômico, social e político.

O que não faz sentido é apontar os erros passados do PT e não fazer a mesma cobrança sobre a lambança dos últimos anos. Bolsonaro desestabilizou o teto de gastos, usou decretos de calamidade e emergência como gambiarras para despesas sem controle e contraiu várias distorções que amanhecerão na mesa do próximo presidente no dia seguinte ao da posse.

ENTREVISTA

Gustavo Werneck / CEO DA GERDAU

Siderúrgica amplia venda de aço para novas fábricas de chips nos EUA, e executivo diz que preocupação do setor automobilístico com cadeia global de fornecimento crescerá também no mercado brasileiro

BRUNO ROSA E LUCIANA RODRIGUES economia@oglobo.com.br

'HÁ BUSCA POR DEPENDER MENOS DE FORNECEDOR EXTERNO'

Quando o público se despedir do Rock in Rio no próximo domingo, as 200 toneladas de aço do palco serão desmontadas para serem reaproveitadas como "um automóvel, um prédio", diz o CEO da Gerdau, Gustavo Werneck. A empresa tem na sucata seu principal fator de competitividade: 73% do aço produzido vem de reciclagem ou reflorestamento, o que garante volume de emissão de CO₂ de menos da metade da média da indústria siderúrgica mundial.

Depois de ajustar suas operações, reduzir dívidas e deixar alguns países, a empresa se prepara para um cenário de maior demanda por aço limpo. E aposta que a tendência de *onshore* — ou seja, a busca de fornecedores locais por grandes indústrias para fugir de nós nas cadeias logísticas globais —, já uma realidade nos EUA, chegará também ao Brasil.

Como vê o cenário global para 'commodities'? A guerra na Ucrânia e a crise na China vão afetar preços e demanda?

Uma verdade nós temos. O mundo vai ser cada vez mais volátil. Nosso principal pilar estratégico é a capacidade de readaptação. No cenário para o aço, nossa previsão é que os próximos dez anos serão melhores. A China não quer mais ser uma grande exportadora de aço. Há ainda a questão das emissões de CO₂, vai mudar o jogo global. Nos últimos sete anos, desalavancamos a empresa e deixamos vários países. Dá uma tranquilidade de que vamos conseguir passar pelo cenário de curto prazo, com a eleição e as questões que o Bra-

sil terá de enfrentar do ponto de vista macroeconômico.

E quais são essas questões? Qual é o cenário para o Brasil?

O varejo da construção civil está estagnado desde junho de 2021. Ele cresceu muito no pós-pandemia com os incentivos do governo (o Auxílio Emergencial). Em compensação, na infraestrutura, com as parcerias público-privadas, há bastante demanda por aço.

Que setores estão mais aquecidos em infraestrutura?

O setor de saneamento é crescente, assim como o de energia renovável. Estamos muito alinhados também com o *onshore*, que é trazer para dentro de casa capacidades de produção que estavam em outros países. Temos visto muito nos EUA. Estamos vendendo bastante aço para empresas

"Reciclagem é o nosso DNA. Os clientes querem números auditados e planos concretos para redução de emissões"

"A transformação digital é para resolver grandes ineficiências. Se não, você fica usando óculos de realidade virtual para problemas pequenos"

que estão construindo plantas de semicondutores e de chips.

No Brasil também há esse movimento de 'onshore'?

Aqui no Brasil tivemos muitos investimentos da Suzano, da Klabin e da própria Gerdau. Temos visto essa preocupação com a cadeia (de fornecimento global) no setor automobilístico, de ficar menos dependente de fornecedores externos. Talvez não tão significativo como nos Estados Unidos, mas o segmento automotivo é um bom exemplo do que virá nos próximos anos. Temos sido procurados para entregar soluções que não demandem componentes e peças do exterior. E existe a busca contínua por veículos cada vez mais leves e eficientes (que emitam menos CO₂). Somos grandes fornecedores no Brasil e EUA de aços longos, usados na suspensão do veículo e dentro do motor. Essa transformação (para um veículo menos poluente) não passa só pelo motor e bateria, mas pela configuração do carro como um todo.

E quanto a Gerdau está investindo nesses projetos?

No Brasil, o investimento em aços especiais é de R\$ 1 bilhão somando Charqueadas (RS), Pindamonhangaba e Mogi das Cruzes (SP).

A matriz energética renovável do Brasil ajuda a atender à demanda por aço mais limpo?

Isso é um diferencial. É crescente a solicitação de clientes para saber qual é a nossa emissão de CO₂. Querem números auditados e planos concretos. O cliente não acei-



ta se farlo que emissões estarão zeradas em 2050, quer saber os próximos dez anos. Se eu não tiver isso, começo a ter dificuldade de atender a brasileiros e clientes globais.

Reciclagem entra nessa conta?

Reciclagem é o nosso DNA. Da reciclagem de sucata e do reflorestamento de eucalipto, produzimos 73% do aço da Gerdau. O setor no mundo emite em média 1,93 tonelada de CO₂ para cada tonelada de aço produzido. A nossa emissão auditada foi de 0,90 tonelada de CO₂ no ano passado. Esse é o grande ganho da reciclagem. O Brasil tem uma possibilidade enorme de ser visto como um país que leva a questão de emissão de CO₂ na sua indústria muito a sério.

A imagem ambiental do Brasil ficou arranhada no governo Bolsonaro. Isso afeta as empresas brasileiras?

Está faltando nisso tudo de vender melhor. Todos nós devemos trabalhar em conjunto. Não é questão só do gover-

te a carga tributária. Ou seja, piorar aquilo que já é ruim. As reformas, como a trabalhista e a Lei da Terceirização, ajudaram na melhoria de nossa competitividade. Defendemos ter segurança jurídica de que as coisas não vão mudar.

A inflação global pressiona a indústria? Como lidar?

Criamos alternativas relacionadas à transformação digital. Antes, ao comprar matéria-prima, ficávamos reunidos vendo boletins de preços para tentar entender o momento correto. Hoje tenho plataformas digitais preditivas com inteligência artificial para analisar todas as variáveis no preço de uma matéria-prima.

O algoritmo não dá bug quando a Rússia invade a Ucrânia?

O algoritmo vai aprender. Por exemplo, teve uma tempestade na Austrália e as ferrovias romperam. E eu não consegui antecipar, porque meu algoritmo não pegou isso. Mas hoje ele pega a previsão climática nos países que me afetam. O mundo está cada vez mais volátil. Mas boa parte dos acontecimentos tem precedente e se repete. Consigo ver, por exemplo, determinado conflito que está evoluindo. A dificuldade da transformação digital é colocar recursos em oportunidades de negócio. Caso contrário, você fica usando óculos de realidade virtual para resolver problemas pequenos. A transformação digital é para resolver grandes ineficiências.

Empresa tem investido em novas áreas de negócios?

A meta é que em dez anos 20% da receita da Gerdau venham de novos negócios: logística, construção e energia. Hoje, nossa empresa de logística, a G2L, é um dos maiores operadores logísticos do Brasil. Logística era um custo e se transformou em receita. A Gerdau quer ser *commodity* com serviço para melhorar a eficiência dos clientes.

O palco do Rock in Rio é de aço reciclável da Gerdau. Por quê?

Vimos ali uma grande oportunidade. Ao fazer o maior palco do festival com aço 100% reciclável, agente mostra a importância da reciclagem, o fato de o Brasil poder emitir pouco CO₂ e que 1 milhão de pessoas hoje vivem em atividades de reciclagem. E no futuro esse aço pode virar um automóvel, um prédio...

